

Nº 1



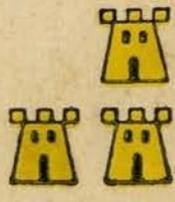
Annibal Soares



Chronica

do

Exilio



PARIS

EMPREZA EDITORA

"CHRONICA DO EXILIO"

1871

TABLE

OF THE

GEOLOGICAL SURVEY

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

| | | | |
|----------------------|---|-------------------------|----------|
| PREÇO DA ASSIGNATURA | } | Anno | Fr. 14 » |
| (Franco de porte) | | Semestre | — 7.50 |
| Pagamento adeantado | | Numero avulso | — 0.30 |

SUMMARIO :

Como diziamos no artigo anterior...

A Republica ha dois annos e a Republica de hoje.

"Um milhar d'olhos na noite !..."

Bosquejo da obra republicana.

Os tribunaes revolucionarios : singular imprudencia dos julgadores ; uma citação e um exemplo.

Leitor, bom dia !...

Conta-se d'um santo velho, mais ou menos vagamente realista, professor inoffensivo no Collegio de França, que obrigado em pleno Terror a cortar a sua lição para fugir a uma alcateia de « patriotas » que o queriam, sem elle saber porquê, enforcar, veiu regressado do exilio retomar a sua cadeira de modesto leccionista de Historia — depois do Thermidor, depois do Directorio, depois de Napoleão ; e em frente á estatua de Luiz XVIII que adornava já a sala, por essa bella manhã de maio de 1814, ageitando a alta gravata aprendida em Inglaterra, o nosso bom velhote principiou tranquillamente, como socegada tecedeira que apanha um fio cahido :

— Meus senhores, diziamos na lição antecedente que quando a desordem geral ia cavando a ruina da Republica d'Athenas...

Ora bem. Ha dois annos quasi que a Republica — não a de Pericles, a do senador Faustino — imaginou empalmar os archivos da Historia como tem empalmado joias da Corôa e thesouros de conventos, fazendo materialmente fulminar (pelos raios do Jupiter d'Alfama que é o seu deus, e que como

tal a creou á sua imagem) os jornaes monarchicos, então commentadores pouco menos do que benignos dos despauterios, tropelias e ridiculos do desaustinado monstro que sobre o paiz se abateu, exemplar raro de teratologia moral, grotesco e gingão, Zé Fistula encimado pela cabeça de Calino.

Detido *pro forma*, o commandante d'aquelle pelotão de *cóleras populares* declarou na policia muito simplesmente, conforme consta da imprensa da época, que as desencadeára por ordem « do sr. ministro da Justiça »; o qual, corrido de vergonha (que é dos seus sentimentos mais caracteristicos) fez publicar simultaneamente um desmentido solemne a tal calumnia — e um decreto nomeando o homem para um logar publico em Africa. E libertado assim da imprensa adversaria por uma concepção que ao mesmo tempo revela um traço do perfil moral e toda a exuberante subtileza politica do auctor, prodiga d'engenhosos recursos, Affonso Costa não tardou em manifestar-se, pela voz dos canudos que o representam, possuido da alegria turbulenta e simploria d'aquelles macacos do Jardim Zoologico, que partem um espelho cuidando apanhar o sol que elle reflecte...

Passados hoje mais de vinte mezes sobre o episodio, periodo terrivel assignalado por tanto desastre, por tanta ruina, por tanto sangue, por tanta dôr, por tanto lucto, aprouve-nos relembrar, leitor distante, aquillo que estavamos dizendo quando uma população criminosa veio cortar com a sua navalha « civica » — uma arma e um symbolo — o fio da nossa amistosa cavaqueira. Fomos desenterrar d'uns papeis velhos o ultimo numero apparecido d'esse jornal que afervorava entre nós aquella comunidade de sentimentos, de crenças, de fé, d'aspirações e d'esperanças que, uma vez que foi estabelecida, plana para sempre inatingivel aos sicarios da Republica.

Oh! não discreteavamos eruditamente, como o sabio do Collegio de França, sobre as vicissitudes de Athe-

nas ; não falavamos dos ociosos intellectuaes da Agora, senão que da vadiagem transplantada dos *cafés de lepes* do Bairro Alto para as responsabilidades da direcção do Estado ; — e do alto da nossa primeira columna lançámos n'esse ultimo numero, por despedida, este brado synthetico e plebeu, um pouco em calão, como convinha a uma Republica de factistas :

— NÃO GRUDAM !

E com effeito — já lá vão dois annos ! — ainda *não grudaram* !...

Despercebida epigraphe, que então seria para muitos passageira *boutade* de jornalista, senão um desabafo de mal-humorado sectario — quem ha hoje que não tenha de tomal-a como sentença prophetica?...

* * *

Oh ! poder irreprimivel das forças obscuras, que soberanamente ditam a lei dos povos !

Eis um regimen que ha mais de dois annos se intentou, implantando-se *in nomine*, pacatamente, por uma manhã d'outubro, entre a inconsciencia da generalidade e o regosijo de muito velhaco esfaimado, á mistura com o enthusiasmo sincero d'alguns pobres diabos, que imaginavam chegado o reino da Virtude. As classes adheriram ; Marte condescendeu : officiaes do exercito, carregados de fitas verdes e vermelhas, deambulavam pela cidade, agitando victoriosamente espadas virginaes : o povo, transportado, palmeava-os, como no Campo Pequeno aos cavallinhos de cortezias.

Nas provincias, como na capital, as auctoridades, civis e militares, transmittiam os seus poderes aos recém-vindos, não só sem resistencia, mas sem sequer inquirirem longamente da autenticidade das novas e das ordens, que mensageiros anonymos lhes levavam.

Amanuenses de governos civis, escreventes de

camaras, pela provincia fóra, tomavam de auctoridade propria a direcção das repartições — aqui ou além aferrolhando sem protesto os chefes na cadeia ; e carbonario houve que montado n'uma bicyclette a pedalar por ahi acima, submetteu elle só, aos cinco e aos seis regimentos de todas as armas, por cada dia de marcha. Os monarchicos, atordoados, criam n'uma Republica *ab aeterno*. E como não, se alguns sabios sociologos de porta de escada lhes diziam sentenciosos, n'uma d'essas formulas palavras e desprovidas de sentido, caras ás massas — que *isto não voltava para traz?*...

Com effeito, n'este conjuncto de circumstancias, um regimen *que tivesse que durar* estava evidentemente consolidado desde a hora do seu nascimento. Mas não se contentando em ser tolerada, a Republica, aliás inadaptavel ao paiz, iniciou a experiencia portentosa de adaptar o paiz ao seu proprio modo de ser, procurando quebrar-lhe a continuidade historica, desarticulal-o, destruir-lhe o sentimento de si proprio pela negação ou pelo esquecimento do character e da tradicção nacionaes, e engolfal-o por fim, assim desfeito, na moral prostibular e na mentalidade degenerativa das camadas revolucionarias.

Para isso o indispensavel era isolar, sequestrar a nação, impondo pelo carcere, pelo exilio ou pela morte o silencio aos divergentes da vadiocracia triumphante no *chinfrim* de 5 d'outubro. E eis como ha dois annos a Republica vem vivendo com todas as facilidades, largamente usadas, de corrupção e de violencia, sem propaganda adversa, sem tribuna, sem imprensa livre, sem opposição nem fiscalisação parlamentar, tendo todos os seus adversarios de destaque expulsos do paiz ou encarcerados e havendo suffocado, fôsse como fôsse, dois começos d'insurreição.

➤ A accrescentar a estas commodidades, que o proprio absolutismo desfructou raras vezes em paiz algum, notem-se, como elementos que teriam facilitado a consolidação do regimen — se ella fôsse possivel — a estabilidade d'uma situação cambial relativa-

mente favoravel e a ausencia de graves embaraços na politica externa — pois a Republica os resolve todos, a cada pontapé das chancellarias offerecendo graciosamente... o mesmo lado.

Pois bem : quem ha ahi para crêr, hoje, na viabilidade d'um regimen que apoz dois annos d'esta situação excepcionalissima se encontra — peor do que no primeiro dia ! — inorganizado, sem instituições, sem partidos, sem vida politica, sem corpo eleitoral e sem um estadista, tão incapaz de recorrer ao suffragio como de produzir um simples ministerio duravel e autonomo, sem ordem publica, sem credito, sem prestigio, abominado, arrastando-se *au jour le jour* á custa de tribunaes marciaes, de leis de excepção, de perseguições paroxysticas, em cada canto farejando conspirações, em cada portador de recados ou creada linguareira o seu Monk ou o seu Pavia, como em cada fallencia particular o signal da derrocada do Estado — e sabendo-se condemnado a vegetar tão sómente emquanto dure o receio ephemero d'umas bombas de theatro empunhadas por uns « carbonarios » d'Offenbach, capazes de todos os crimes singulares perpetrados a coberto da impunidade certa, mas insusceptiveis de resistir ao embate d'um pelotão de soldados trazidos á rua pelo primeiro official arrojado e ambicioso que se resolva a offerecer uma restauração feita, em lugar de a pedir previamente ao concurso d'essa entidade por sua natureza inerte, passiva, mais abstracta do que real, nulla em todas as revoluções de todos os tempos e de todos os logares, que se chama — *um Paiz* ?...

Dois annos de *cultura intensiva* republicana, sob as mais variadas formas de propaganda ; dois annos de corrupção monstruosa e de pressões inauditas ; dois annos de monopolio republicano na imprensa, desde o artigo de fundo aos annuncios, nos comicios, no parlamento, nas repartições do Estado, nos tribunaes, nas escolas, nos quarteis, nas festas officiaes, nas missões militares, nos espectaculos publicos e nos salsifrés de familia, nos banquetes, nas *excursões*

patrioticas e em todas as chafaricas de todas especies onde pode espanejar-se a flôr da Asneira. E ao cabo : « Estamos abandonados ! » — escreve um caudilho, que ao arrepelar a gaforina produz mortifero cataclysmo n'um pequenino mundo d'innocentes e pavidos parasitas. E outro, em voz comicamente cava, de final de melodrama : « Sentimos o vacuo ! »...

« Destruimos, desorganisámos ! » — escreve, resumindo em duas palavras toda a obra da Republica, Antonio José d'Almeida, de resto um dos que n'essa tarefa nefasta teem mais copiosa folha de serviços... « As eleições geraes fôram uma burla, perpetrada pelo Directorio » — brada com um cynismo que quer passar por inconsciencia o mesmo cabecilha, a quem todavia cabe, como ministro que era do Interior, a responsabilidade da fiscalisação superior d'essa comedia indecorosa, d'onde saiu nada menos do que a sanção juridica do acto revolucionario, em nome do paiz, pelos que se intitularam seus representantes... « As eleições municipaes, n'este momento, dariam a maioria aos monarchicos » — depoem, em resumo, uns *democratas* investidos dictatorialmente nos cargos administrativos, e que impudentemente continuam a exercel-os depois d'esta confissão tão elucidativa como boçal. « A comparencia d'um revolucionario de nome, nas festas, seria não só um acto de applauso ás asneiras comettidas nos dois passados annos de Republica, mas tambem um acto de sem-vergonha, » — bradava, um dia d'estes, o commandante do pequeno acampamento da Rotunda, improvisado n'esse cargo por ter sido o unico official que não fugiu aos primeiros tiros « A Fome ! *Pão, peixe e carne estão sendo objecto de negociatas escandalosas sobre as quaes é preciso fazer muita luz. Na Republica, joga-se com as necessidades do publico, como no tempo da ominosa ! Os politicos fazem o jogo das grandes empresas que enriquecem fabulosamente á custa da miseria — da Fome ! — do Povo. Basta de politiquice, de*

apparente patriotismo ! Façamos luz ! Fôra a roubalheira ! » — grita o jornal *A Luz*, órgão republicano.

Eis alguns breves traços autobiographicos do regimen republicano em Portugal, e eis tambem um esquisso das suas mais que precarias condições de vida á data d'hoje — sem o povo, que desilludiu e ludibriou, reprimindo, com uma dureza e uma arbitrariedade nunca empregadas sob a Monarchia, as suas primeiras manifestações de desagrado ; sem as classes conservadoras afugentadas e perseguidas com uma inhabilidade que diz tudo sobre a craveira intellectual dos seus politicos — e tendo por appoio unico a canalha, como todos os regimens condemnados a não subsistir.

Então de que serviu á Republica a tentativa vil de supprir pelo banimento dos jornalistas a irremediavel inepecia dos seus penicularios? Para quê a pretensão boçal de aniquillar uma Ideia, mais que nunca nacional, destruindo os caracteres typographicos que algumas vezes a traduziam — se não ha no paiz quem ignore nem as suas depredações, nem os seus crimes, nem o seu grotesco immanente? Para que querer assegurar para as suas felonias a cumplicidade da treva?...

Temivel cumplicidade — cheia d'armadilhas, d'abysmos, de perigos unsuspeitados. Um verso diz :

*O dia tem apenas uma luz
A noite um milhar d'olhos...*

* * *

Um milhar d'olhos !... — profunda expressão symbolica d'um poeta da terra de Shakespeare. Olhos fulgurantes como laminas, candentes como brazas, implacaveis como o Destino — e sabendo, como elle, esperar...

Olhos que palpitam e aguardam, sombrios d'amar-gura e de vingança, varando a escuridão lugubre das masmorras, a treva fria d'esse mysterioso Portugal subterraneo que vós abristes — obra terrivel

e no entanto fecunda! — e em cujas entranhas silenciosamente germina e cresce entre a podridão e os vermes uma flôr (como a vossa bandeira) verde e rubra: flôr d'odio e de sangue! Olhos torvos de lagrimas e de rancor, que espiam e accusam, das creanças a quem o vosso nome, por essas provincias abandonadas, é ensinado desde o berço por entre maldições; das mulheres, das noivas, dos paes invalidos, dos parentes, dos amigos, que viram os vossos sicarios levar-lhes a esmo, para a solidão tumular das enxovias, a sua affeição, o seu amor, o seu amparo, a sua esperança!... Olhos immobilizados mas pavorosos, dos mortos, dos combatentes que — como honrados soldados, a frente erguida, o peito ás balas, sem outro interesse que não fôsse o do seu ideal — feridos no campo da batalha, podéram vêr na hora extrema os vossos *heroes* a assassinal-os indefesos, e tiveram por *De profundis*, resado todavia ao longe, os sarcasmos ignobeis d'uns poltrões cujos rasgos de « revolucionarios » se contam pelo numero de vezes em que imploravam, de rastos, suando arrependimento, a misericordia das auctoridades monarchicas!...

« É preciso, escreve um, que a Nação confie em nós ». Mas quereis saber o que pensa da Republica a Nação?

Perguntae-o ao capitalista ameaçado e perseguido, ao proprietario desapossado dos seus bens, ao funcionario escravizado, ao clerigo espoliado e escarnecido, ao militar deprimido e vexado pela indisciplina que fomentastes, ao operario trahido e sem pão, ao commerciante que não vende, ao industrial que não fabrica, ao estudante que não tem escolas, ao marinheiro que não tem navios, ao jornaleiro de braços ociosos, em frente dos campos devastados e bravios!

Perguntae-o ao crente inhibido d'orar, ao cidadão privado de voto, perguntae-o ao jornalista, ao escriptor, ao orador, jugulados ao triumpho dos hilariantes cretinos que dominam, perguntae-o ao

professor compellido a ensinar uma nova *sciencia republicana* revelada pelas vossas tribunecas, perguntae-o ao juiz prohibido de julgar contra os delinquentes republicanos, contra os interesses dos demandantes republicanos, contra os clientes dos advogados republicanos...

Perguntae-o aos innocentes, successores no carcere dos falsarios e *escrocs* que a Republica fez senadores; perguntae-o aos martyrisados das prisões; perguntae-o á familia do tenente Manuel Soares, torpe [e impunemente assassinado no sitio mais publico de Lisboa; á alma terna de Mulher que o acompanhou, n'um gesto sublime de devoção — villipendiada depois de morta por uns miseraveis escribas que Deus creou para consolar, pelo confronto, o sapo da sua hediondez e a hyena da sua cobardia; perguntae-o aos parentes dos officiaes successivamente envenenados em Vianna por mãos anonymas de *patriotas*!

Perguntae-o ás mulheres violadas, aos pobres camponios humildes assassinados, sem armas, alguns d'elles no meio do somno, por essa horda que sem pudor se chamou *columna da morte* — *columna da morte* que não se tendo batido com o inimigo só pôde ter ganho o seu titulo assassinando gente inerme e inoffensiva!

Perguntae-o á multidão portentosa que acossada pela fome, pelas perseguições, pelos impostos, pelo terror das prisões e dos morticinios, todos os dias se escôa como torrente de sangue e oiro pelos portos de Portugal e de Hespanha — multidão andrajosa de homens, de mulheres, de creanças, de velhos, desertando por familias, por povoações o solo patrio, fugindo d'elle como d'um pantano empestado, á similhaça d'essas legendarias migrações biblicas em que nações inteiras se deslocavam, avalanches vivas, abandonando espavoridas a terra-mãe, interdicta pela maldição dos céos!

« Democracia de que o *demos*, o soberano, fóge... »

— dizia-nos, n'uma synthese fulgurante, um alto espirito portuguez.

* * *

Entretanto, quem não se conforma com a obra abominavel de degradação e de ruina, que isto representa, vê fechar sobre si a porta sepulchral das cellulas penitenciarias. Quem não se conforma? quem apenas, sem provas, sem indicios, pareceu incorrer nas suspeições dos malandrins, que a Republica tem pelo paiz fóra deshonrando o officio de espião.

Essa tarefa abjecta de condemnar sem provas foi em primeiro logar commettida a jurys civis, ambos de Lisboa, ambos presumidamente republicanos — o dos tribunaes especiaes primeiro, depois o dos tribunaes communs. Como não parecessem bastante submissos ás injuncções da canalha e alguma vez se obstinassem, com uma altivez fóra de todo o limite, a não chancellar todas as sentenças ditadas pelo *elemento civil* da travessa do Capellão, Correia Barreto offereceu, para essa funcção social d'um character tão *sui generis*, officiaes do exercito. Elle lá sabia. Acertou. Noventa e nove vezes sobre cem, os officiaes designados encerram na Penitenciaria os réos, innocentes ou não, de todas as idades e de todas as condições, com a inconsciencia de quem cumpre, sem discernir, una ordem de serviço. Não é a paixão polltica que os cega : é a *ordem superior* que os determina. Em resumo, é o soldo. Carrascos de galão e penacho a quarenta mil reis mensaes — e eis, até este momento, 208 sombras habitando 208 tumulos penitenciaros, para que meia duzia de alferesoques e tenentessecos não tenha que trocar a ociosidade do quartel — levada a jogar o gamão emquanto os carbonarios commandam as tropas — por outra occupação que exija mais intelligencia, mais trabalho e mais sensibilidade de consciencia.

Mau jogo!...

Dir-se-ia que não é do tempo d'elles o motim d'outubro de 910. Cumplices passivos e involuntarios d'uma chamada « revolução », dir-se-ia comtudo que não viram em acção aquella lei do mundo, que faz tantas vezes determinar por um nada os successos historicos, ainda mesmo os mais imprevistos, graves e espantosos. Parece que não verificaram com que facilidade cáe, d'uma hora para a outra, todo um edificio politico — e não uma republicueta de *cacarácá*, circumscripta a Lisboa, sem raizes, sem passado, sem pessoal e sem vintem, execrada por um povo inteiro que lhe espia ancioso o primeiro escorregão para a escavacar, mas um conjuncto d'instituições representando, como a Monarchia, uma elaborção continua d'oito seculos, interessando na sua sorte a maioria do paiz por uns ou outros laços, e não vivendo á mercê da primeira letra protestada ou do mau humor d'algum vizinho irritavel...

Brotteaux, o philosopho epicurista do ultimo romance d'Anatole — *Les dieux ont soif* — que é uma das mais puras e bellas obras do Mestre, tem um dia a intuição do fim do Terror :

— Vós semeaes o medo; é o medo, mais do que a coragem, que faz os heroes. Oxalá, cidadão Gamelin, que não vejaes um dia estalar contra vós prodigios de medo. »

Brotteaux, o bom philosopho, sabia que não houve, *nunca*, regimen em que o Terror não fôsse o prenuncio fatal da morte...

Effectivamente uma manhã, vencido pelo seu proprio excesso, d'uma hora para a outra, sem se saber bem como, o medo que mantinha, elle só, os Jacobinos — Robespierre foi ao cadafalso ; e com elle mais vinte : Saint-Just, Augustin, Hanriot, Fleuriot, Couthon...

Fouquier-Tinville, o mesquinho e subserviente accusador publico, morria pouco depois detestado e despresado por todos, na mesma guilhotina que saciára de victimas. Não havia muito que alguns

carbonarios da epoca o tinham cognominado *Salvador da França...*

Lição a considerar ; exemplo que deve ser lembrado — mesmo depois que a guilhotina passou de moda. Jogo perigoso — deitar ao ar carapuças de penitenciario ; porque, em que cabeças irão ellas definitivamente enterrar-se?

ANNIBAL SOARES.

